



**30**

recontado por  
**ANTÔNIO XERXENESKY**



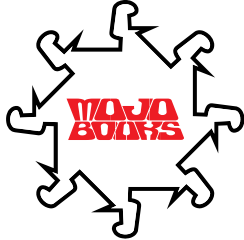
mogwai  
**COME ON DIE YOUNG**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

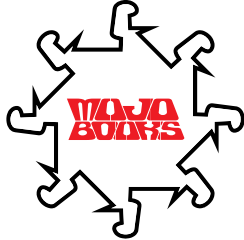


**VOLUME 30**

---

**COME ON DIE YOUNG**  
**moğwai**

recontado por **ANTÔNIO XERXENESKY**



**VOLUME 30**

---

**COME ON DIE YOUNG**  
**moçwai**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Julho de 2007



*Para Caíque (1995-2006)*  
*Todos os cães morrem jovens demais.*

COME ON  
DIE YOUNG



# PARTE 1

# NEGAÇÃO

ANTÔNIO  
XERXENESKY

# UM

Brisa suave e curta na rua. Única numa noite sem vento e suarenta. De um lado da rua havia uma pequena banca de revistas. Os jornais marcavam 16 de junho de 2021. Do outro lado havia um imenso complexo iluminado. Era conhecido pelos habitantes de Porto Alegre como o Hospital.

No Hospital havia várias salas de espera. Em uma delas, Davi. Ele se sentia mais calmo agora, sem unha alguma pra roer. Recostado na cadeira, tudo que assimilava eram as vozes entrando e saindo dos alto-falantes. Assimilava os sons de forma incompleta, incapaz de discernir que informações carregavam.

O mesmo se passou quando o médico de avental verde foi até ele. Seus lábios moveram-se. Sua voz foi ouvida. Mas Davi não entendeu. Até que o doutor o sacudiu, repetindo, “você entendeu, homem?”. Ele assentiu, mesmo que fosse mentira.

— O seu filho nasceu morto. Sua esposa vai ficar de repouso por alguns dias.

— Morto? — perguntou. — Meu filho? — Os olhos de Davi piscavam.



COME ON  
DIE YOUNG

Davi não se lembra de sair da sala. Nem de pegar o elevador.

Na rua veio a sensação de que uma bola de vermes estava entalada em sua garganta. Vomitou com tanta força na calçada que sua boca ficou ardendo. Um homem de sobretudo, parado à sombra da banca de revista, o chamou. Ele disse que tinha uma oferta irrecusável. Mas Davi recusou. O Hospital respirava fundo atrás dele. O ruído do Hospital desapareceu quando Davi fechou a porta de seu carro.





## DOIS

Não existia alívio melhor que o de dirigir sozinho na noite. Em seu carro, a temperatura fugia do calor estático da rua. O ar-condicionado cumpria sua mais nobre função; punha o cérebro de Davi num estado de refrigeração que impedia pensar sobre qualquer coisa recente. Andar na rua seria insuportável. Porto Alegre era como um útero doente, capaz de conferir calor, mas não conforto. Nunca conforto. O ar frio em seu carro lhe dava a alegria de ter saído do útero para um local fresco e agradável, a sensação de sobreviver, em oposição à...

Mas ele não podia pensar nisso. Entrara no automóvel pra não pensar nisso, pra escapar das metáforas que a temperatura alta trazia. Lembrou-se do encontro que tivera com o homem em frente ao Hospital. O homem, cujo rosto mal enxergava, abria o sobretudo pra mostrar uma vasta gama de caixinhas com o desenho ampliado de um *microchip* e o logotipo da Nanotech.

- Quer algo? — ele perguntou.
- Não, valeu.
- Dia ruim?



— Não faz idéia.

— Eu tenho o perfeito pra ti. Uma proposta que não dá pra recusar.

Davi já ia se virando de costas, o dedo médio erguido, o sinal internacional de “vai se foder”.

— Saca só esse implante. Depois de enfiar na cabeça, quando atinge... você não sente mais nada.

— E se eu quiser sentir algo?

— Por isso que ele é especial, guri. Você não sente nada. E nem deseja sentir nada.

Davi levantou o dedo médio outra vez.

\* \* \*

Observar Porto Alegre através de um vidro blindado. Ele estava separado daquela cidade que lhe causava repulsa. Um lugar devastado pela inércia; a cidade e seus habitantes eram especialistas em resistir a avanços.

E ainda assim... continuava morando lá. Lúcia vivia lá. Mas esse não era o motivo. Possivelmente Davi desenvolvera uma afeição ao mau humor que a cidade nele provocava. Talvez. Talvez.

Para onde conduzia? Ir direto pra casa parecia a pior idéia.



Sozinho no apartamento seria devorado vivo pelos pensamentos e recordações de um futuro que nunca existirá. Que lugares permaneciam abertos às onze e meia? *Shoppings centers* e supermercados. O pátio de bares e danceterias abriria logo a seguir. Seu ânimo não estava pra nenhum desses locais. Não. Talvez o melhor fosse gastar um pouco de tempo nas ruas mesmo. Estavam desertas. Ninguém gosta de ficar sozinho. Os habitantes preferiam a aglomeração e o ar-condicionado central dos grandes estabelecimentos. Davi agora acreditava que seu carro era o local perfeito. O movimento sempre exerceu um poder inebriante. As luzes dançavam e, se fechasse os olhos por um ou dois segundos, elas deixavam rastros rosados em sua retina. Os prédios e parte de suas janelas iluminadas pareciam formar códigos. Os postes enfileirados faziam com que cada objeto lançasse mais de uma sombra, cada uma para um lado. O silêncio do rádio apagado, sem as músicas melancólicas que geralmente tocam a esta hora, e que desenterram memórias antigas.

Davi, nesse momento, era completo. Seu carro não andava, deslizava. Mas algo abaixo de tudo isso, ainda incompreensível e discreto naquele instante, era sentido. Um prenúncio da fragilidade de seu microscópico esconderijo.

O velocímetro dizia oitenta e cinco. Davi se sentia embalado



COME ON  
DIE YOUNG

num berço. A Avenida Independência nunca parecera tão bela. Não havia chovido, mas o piso refletia com exatidão as luzes vermelhas das sinaleiras fechadas que Davi insistia em desobedecer. Seu desrespeito com a norma vinha de uma frase de amarga ironia que flutuava em sua mente, “Vamos lá, morra jovem”. Não imaginava onde lera tal frase, mas ela encontrou um cantinho macio para dormir na mente de Davi.

Seu filho morreu jovem, muito jovem. Já a frase exibia sinais de vida, pequenos espasmos, enquanto o carro voava nas descidas.

Vamos lá.

Morra jovem.

Por que não?



# TRÊS

Um grande cruzamento surgiu à sua frente. Foi obrigado a parar. Num pequeno boteco ao lado, a reprise de um jogo de futebol era transmitida na televisão, que ocupava metade de uma parede. Era raro encontrar um estabelecimento pequeno aberto. Quase como se os donos dos bares fossem um grupo de subversivos que se recusavam a fazer parte de um grupo maior. Intrigado, estacionou.

Os freqüentadores do lugar estavam absortos pelo jogo, embora fosse uma reprise. Não desgrudavam os olhos da televisão por nada, exceto quando seus copos de cerveja esvaziavam. Sem virar a cabeça, sinalizavam o pedido de mais uma garrafa para o *barman*. Sequer era possível dizer que estavam vivos, no resto do tempo.

Davi reconheceu pela imagem que o jogo era antigo. Ao escutar o nome dos jogadores, percebeu que era da Copa do Mundo de 94. Logo que sentou, os torcedores zumbis gritaram “gol!” e levantaram-se para celebrar. Era o segundo contra a Holanda. Bebeto, Romário e um outro jogador ensaiaram uma comemo-



COME ON  
DIE YOUNG

ração onde fingiam balançar um bebê, em homenagem ao filho do atacante que acabara de nascer.

O baque quase derrubou Davi da cadeira. No meio da alegria dos zumbis, resmungou, já de pé, em um pequeno grito abafado, “Porra, em 1994 os filhos nasciam sem problemas. Hoje em dia, que as chances de tudo dar certo são de...” e parou, pois não apenas sua voz afogara-se no barulho da tevê, como tampouco tinha platéia.

Retornou ao carro.



# QUATRO

Davi, decidido, fez uma curva à esquerda. Afastaria-se das ruas mais conhecidas, que passava no cotidiano. E assim penetrou no Túnel da Conceição em alta velocidade, e abriu o vidro pra deixar entrar o vento criado pelo seu próprio carro. Às vésperas do inverno, Porto Alegre permanecia no mesmo calor, mas isso não o incomodava. O som do ar entrando era amplificado pelo formato do túnel e as luzes o transformavam numa grande clareira. Sua mente foi tão esvaziada no trajeto que, ao chegar ao final, quase deu ré e percorreu de trás pra diante o túnel.

Mas logo na saída seu coração deu um salto, com um veículo atravessando o cruzamento de faróis apagados. Por milímetros não colidiram.

— Maluco! — exclamou. — Isso não vai ficar assim, — E disparou em perseguição ao carro que estava com os olhos fechados.

Davi deixou de ser Davi; tornou-se ninguém menos que Steve McQueen em *Bullit*. Alcançou o outro veículo, ficou ao seu lado, manteve a mesma velocidade, e sinalizou ao motorista para que



COME ON  
DIE YOUNG

ele abaixasse os vidros. O motorista olhou bravo e ainda assim temeroso, como se Davi fosse um assaltante. Talvez a situação fosse terminar em uma briga espetacular, com direito a sangue no asfalto e tudo. Davi era Gene Hackman em *Operação França*, Clint Eastwood em *Dirty Harry*.

O motorista perguntou o que foi que houve com um arqueio de sobrelance. Ambos os carros diminuíram. Davi gritou:

— Os faróis! Desligados! Você podia ter me matado!

O motorista fez cara de sonso, deu um tapinha na própria testa, ligou os faróis, e disse:

— Desculpa, amigo. Costuma ligar sozinho, sei lá o que rolou.

— E seguiu adiante. Para a decepção de Davi, que não foi capaz nem de gerar um conflito.

Com a partida do automóvel, a rua ficara outra vez tranqüila e tranqüila. Davi era James Stewart em *A Felicidade Não se Compra*, pouco antes da chegada do anjo. A diferença é que o céu de Porto Alegre não prometia a queda de nenhum ser celestial.





# CINCO

Néon nunca saiu de moda. O pára-brisas refletia todos os logotipos de bares e bordéis. Davi chegara a uma parte não muito segura da cidade. Toda e qualquer espécie de criminoso vagava por ali, dos que trajavam ternos pretos com camisas de cores berrantes até os mendigos em crise de abstinência. Seguranças gigantescos guardavam as entradas das casas de *striptease*, de onde emanavam luzes roxas e verdes, e às vezes a pulsante luz estroboscópica.

A adrenalina fluía pelo sangue. A atenção de Davi era exigida: devia monitorar qualquer movimento estranho através dos retrovisores, e ainda manter a atenção a tudo que ocorria a sua frente. Seus ombros estavam tensos.

Como conduzia com parcimônia, nem notou o fato de que parava sem necessidade nos semáforos. Nessa distração, observou um grupo de jovens mal vestidos e com intenções que não podiam ser boas se aproximarem de seu carro. Deixou que chegassem mais perto. Seu pé brincava no acelerador, o motor rugindo baixinho. As formas ganharam nitidez.



COME ON  
DIE YOUNG

Eram três garotos. Pareciam se divertir. Bebiam cerveja direto da garrafa e riam uma risada mansa, sem malícia.

Davi pisou fundo no acelerador, de toda forma. Para ao menos fingir que havia algum risco.

Os néons dos bares cintilavam. Será que algum dia sairão de moda? Davi não sabia se desejava isso com tanta força assim.



## SEIS

O movimento na rua começou a diminuir. Davi alcançou uma parte mais tranqüila, uma zona de prostituição sem grande agitação, onde as moças se contentavam em ficar paradas, na maioria dos casos porque não eram acrobáticas o bastante para dançar ao redor de um poste de strip. Os produtos rejeitados: doentes ou com prazo de validade vencido, embora aparentassem saúde e juventude. Davi ativou com um toque seu implante cerebral de visão no escuro para analisar melhor o que a vitrine da rua oferecia.

Os peitos das meninas seminuas, em sua grande maioria, tinham formatos idênticos. Mudavam apenas de tamanho. Eram como esferas perfeitas, de volume  $4 \pi r^2/3$ , considerando até a quarta casa após a vírgula do pi. Não muito diferentes dos que Lúcia comprara anos antes.

Cada mulher pertencia a um fenótipo conhecido: a de pele clara e cabelo moreno, a loira com tons asiáticos, e assim por diante. Não era permitida a repetição na rua e havia todas as combinações possíveis para qualquer gosto.



COME ON  
DIE YOUNG

Viu uma delas sentada. Freou o carro. “O que eu tô fazendo?” Não se relacionava com uma prostituta desde sua primeira experiência sexual aos dezesseis, e isso fora onze anos atrás. Abriu o vidro blindado e apontou na direção da garota. Ela respondeu:

— Ei, eu não posso. Eu sou substituta dela. Quando a de pele meio-morena e cabelo escuro sair, daí eu entro.

Davi não quis envergonhar-se numa discussão. Insistiu com delicadeza. Fez um sinal com a mão e encarou-a com olhos de cão pedinte. Ela olhou para os dois lados. Entrou discretamente no carro.

# SETE

O corpo de Davi sofria espasmos de nervosismo ocasionais, regrados por um intervalo de tempo de alguns segundos. Eram fortes, como pequenos choques na região do estômago. A moça, ajeitando a minissaia preta, perguntou com uma mão na coxa de Davi:

— Então, o que a gente vai fazer...?

— Ah, eu não pensei ainda direito... O que você me sugere?

O traço de olho escuro estava borrado em alguns trechos.

— Isso depende de quanto você quer gastar...

Observou a garota. Seu corpo deve ter custado uma fortuna pra construir. Essa era a ênfase do Hospital: modelar corpos e controlar o envelhecimento. Auxiliar partos não constava como prioridade.

O importante não era nascer. O importante era não morrer.

No céu escuro, oito pontos de luz branca moviam-se, coordenados. Um avião.

— Eu só não queria passar a noite sozinho.

— Eu imagino...



Davi contava a verdade. Sem conflitos pra distraí-lo, logo se renderia aos pensamentos que não deveriam ser pensados... E a companhia feminina tinha esse poder: evitava que Davi convivesse com sua consciência, sempre queria agradar as mulheres. Preocupava-se com os próprios gestos, cheiro, hálito, sorriso. Pequenos detalhes que furtavam sua atenção, mesmo não se sentindo muito atraído pela moça.

O avião não era mais visível. Ele falou:

— Eu tenho uma idéia. Vamos pro aeroporto.

— Quando eu pensei que já tinha visto de tudo na vida...

Davi riu. E acelerou.

Sonhara uma vez com o novo aeroporto, antes de o construírem. Radiante e transparente, como um retângulo de cristal. Quando o visitou pela primeira vez, a surpresa. Era parecido demais com seu sonho. Até a luz refletida aparentava ter o mesmo ângulo e a mesma tonalidade de cor. Davi lutou pra não analisar a história como se fosse um sinal, uma profecia. Tal tipo de delírio só poderia representar um profundo egocentrismo. E ele nunca lidou bem com o fato de que era, talvez, como todos os outros humanos, imerso em si.

Encontrou um gramado de verde artificial pra parar o carro. Estava separado por uma gradezinha da pista de decolagem. E,

à distância, um monstruoso Boeing, gordo e comprido, iniciava o processo. As turbinas ruidosas de volume ascendente. O olhar da garota ao seu lado. Ela estava achando a situação inusitada, até romântica. Ela abriu o fecho da calça de Davi, sem ele perceber. Sua mão deslizou para dentro dos jeans. Ele não a impediu. Ela sorriu dentes imperfeitos, que excitaram Davi. Os choques de nervosismo voltaram, com maior intensidade. Como as turbinas. Davi cogitou parar a menina. Ele se sujaria todo em instantes. Davi, pronto para a decolagem. Os freios já haviam sido soltados. Agora faltava um mergulho no ar. Desbravar a noite inóspita e furar as nuvens arroxeadas do céu.

Um calor lhe subiu. A turbulência. O sêmen esguichou, inundando a cueca. Quase um minuto de alívio e até prazer, cedido pela habilidosa mão da garota. Mas Davi conhecia muito bem o seu corpo. E só ali percebeu o erro cometido. O fim da tensão sexual trazia o início da lucidez. Da claridade e da sobriedade.

Não havia mais escapatória. A presença da garota se tornou incômoda. Precisava expulsá-la do carro, mas não podia simplesmente abandoná-la ali, longe da cidade. Davi esbugalhou os olhos e perguntou, com desespero oculto no tom de voz, onde poderia deixar a menina. Por sorte, ela disse que tinha um ponto de táxi logo adiante. Bastava que ele pagasse um extra. Foi o que fez.



Agora, sozinho de novo, o sêmen secando contra a pele, grudando nos pêlos. O mesmo sêmen que gerou um filho. Um filho que nasceu morto. Talvez tenha sido culpa sua. Sêmen podre. Estragado. Cromossomos contaminados, autodestrutivos. Sua essência.

Não havia mais escapatória. No porta-luvas buscou um calmante que engoliu a seco. A cidade tornou-se mais leve em pouco tempo. Mas a tranqüilidade era temporária. Uma idéia lhe surgiu. Tinha um local de destino. E entrou na avenida que cedo ou tarde o deixaria lá.



## **PARTE 2**

## **RECUSA**



COME ON  
DIE YOUNG

## OITO

Ligou o rádio do carro. Escutaria qualquer coisa. Uma emissora AM, com direito a uma voz mecânica e monocórdia. Notícias sem importância. Péssima idéia. Não queria ouvir rádio. Nem nada. A mente de Davi vibrava. “Aquele comprimidinho maldito não fez efeito porra nenhuma!”, gritava consigo. E desligou o aparelho.

Por que tomou aquela avenida? Agora se questionava. A rua de quatro faixas de cada lado. O maior índice de atropelamentos. Toda noite a mesma coisa. Os cães. Só seriam recolhidos pela manhã. Deu-se conta do erro quando suas rodas passaram por cima das tripas de um vira-lata.

E eles se amontoavam. Juntavam-se pra morrer em cantos. Alguns cães preferiam os escuros. Outros gostavam de morrer embaixo dos postes de luz. Os faróis de Davi iluminaram uma família que saía do carro e abandonava um poodle. Davi desviou de um Chow-Chow peludo e manco e de um Sharpei moribundo. Deveria haver sinais na entrada da rua. Algo como “AVISO: Todos os habitantes de Porto Alegre escolheram abandonar seus cães

aqui.” Davi redigiria uma carta à prefeitura, na qual mencionaria até o gato de cérebro espatifado.

Senão... Qual seria o próximo passo? Em vinte anos estariam abandonando os filhos pequenos ali. Os fetos abortados seriam arremessados na via. E os pneus rasgariam os cordões umbilicais ensangüentados. A imagem era vívida demais na mente de Davi. Soava muito possível. Isto sim era uma profecia.

E, na distração, seu carro passou por cima de outro cadáver. Um solavanco desagradável. O consolo é que logo chegaria ao seu destino.



COME ON  
DIE YOUNG

# NOVE

Brilhava, alta e imponente, a torre do Hospital. Davi parou o carro um pouco antes e caminhou até a banca de revistas. Não tardou a achar o homem de sobretudo. Perguntou sobre a oferta irrecusável.

— Mudou de idéia, hein, meu bruxo?

O homem sacou um implante metálico no pulso, uma fenda prateada por onde se passavam cartões de créditos. Davi pagou e recebeu a caixinha da Nanotech.

— Quer que eu enfie o troço na tua cabeça? Hã?

— Não, valeu. Eu tenho o equipamento lá em casa.

E voltou ao carro. Disparou pela cidade, mais veloz que nunca, diminuindo o mínimo nas curvas. Sentiu os pneus ficarem incandescentes. Se sua casa não fosse tão próxima, as chances de ocorrer um acidente seriam grandes.

Tomou o elevador panorâmico até seu apartamento. Permaneceu com os olhos fechados até ouvir o ruído de abertura da porta do elevador. Não conseguia mais enxergar Porto Alegre.

Com afobação, entrou no seu apartamento e trancou a porta.



Revirou a gaveta atrás do implantador de *chips*. Seu coração inquieto logo se acalmaria. Não sentiria mais nada e nem desejaria sentir algo.

O instrumento parecia uma furadeira. Calculou o local exato, apontou o implantador contra a lateral da cabeça e disparou, sem muito pensar. A dor foi aguda e penetrante. Um zumbido da mais alta frequência ocupou sua mente. Isso que dava comprar chips na rua. Sacudiu a cabeça repetidas vezes, movendo-se sem coordenação pelo apartamento. O ruído lembrava pequenos vermes rasgando seu crânio e adentrando seu apetitoso cérebro.

E então, calma.

O som diminuiu aos poucos, em *fade out*.

— Ei. Eu acho que está funcionando.

Caiu sentado no banco. Olhou o apartamento. Uma bagunça. Roupas pelo chão. Mofa na parede. Luz do banheiro acesa. O local não combinava com sua recém adquirida paz de espírito. Levantou-se da cadeira e começou a ajeitar, de pouco em pouco, pequenas coisas. Separou a roupa suja. Tirou o pó da tevê. A porta que não deve ser aberta não foi. Ousou tocar a maçaneta. Era melhor não arriscar. E se o efeito do implante ainda não fosse completo? Seus dedos acariciaram a maçaneta. A porta tinha um enfeite de elefantinho azul pendurado em um prego.



Correu para a cozinha, bebeu chá gelado com três cubos de gelo. E na hora de fechar a geladeira, viu a agenda, com a data marcada em caneta vermelha: “NASCIMENTO”.

O copo quase escorregou da mão de Davi. O zumbido agudo reapareceu. Na gaveta de remédios, derrubou todas as caixinhas, atrás de analgésicos. Enfiou duas pílulas brancas na garganta e bebeu chá. O som difundiu-se pelos cantos de sua cabeça. Mais duas pílulas. Deitou-se no chão, mãos nas têmporas. Doía tanto. Os vermes famintos chegaram, enfim, ao prato principal. E deliciavam-se com aqueles miolos. O banquete da massa cinzenta. Davi conseguiu se levantar e enfiou a cabeça sob a torneira. Ligou a água gelada no máximo. O ruído terminaria, talvez, se seu cérebro não superaquecesse. A sensação de explodir, decorando toda a cozinha em tons de branco e vermelho.

Agulhas fuxicavam sua mente como os instrumentos metálicos do Hospital que mergulham na vagina da mulher para arrancar de lá um recém-nascido. Ou não. A máquina sempre pode puxar um feto sem vida. E o microfone, pronto para gravar o primeiro choro, não registrar som algum.

E o ruído esmagador parou.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Davi e eram lavadas em



seguida pela água da torneira. Davi deitou-se no chão, desta vez de barriga para cima. Ficaria assim por alguns minutos.



COME ON  
DIE YOUNG

## DEZ

Talvez Davi tenha cochilado um tempo. Recobrou a consciência, sentindo-se anestesiado. Embora não fosse um implante de primeira, parecia eficaz o bastante. Davi sequer ficou feliz com sua anestesia mental. Também não ficou triste. Ou qualquer outra coisa.

Deixara o apartamento todo escuro? Não se lembrava. Acendeu uma luz e abriu a janela pra rua, dando boas-vindas ao ar poluído da cidade. Sopros de vento circulavam pelas pequenas fendas entre um prédio e outro. Os moradores do quadragésimo andar recebiam um vento feroz, que se debatia pelas torres até encontrar um lugar tranquilo para invadir. Os quadros na parede sacudiram.

O enfeite de elefantinho balançou. Era de pelúcia, e não provocou som algum no seu choque contra a porta. Uma rajada de vento de maior intensidade passou, e Davi pôde escutar um rangido que só podia significar uma coisa: a porta que não deveria ser aberta tinha cedido.

Papéis e papéis voavam para dentro do quarto, como setas





indicando o caminho. Davi os seguiu, conformado. Parou na porta. O local, todo escuro, ainda era tolerável. Não daria um passo a mais para que a luz não acendesse. Mas seus olhos o traíam cedo ou tarde, velozes na adaptação à pouca claridade. Já podia delinear o berço vazio, os brinquedos pendurados no teto dançando com o vento...

E luz.

As paredes de um azul alegre em demasia. O dinossauro de pelúcia, semelhante ao que Davi tivera quando criança. O gato mecânico percebeu a entrada de um estranho e caminhou em direção a Davi, saudando-o com um “Mi-aaaaau!”. O quarto parecia explodir de tanta vida. Só faltava uma coisa: tudo.

Davi saiu e fechou a porta, orgulhoso de si por não derramar uma lágrima. Sua visão sequer ficou borrada com água. A dor de cabeça passou quase por inteiro, embora os resquícios do zumbido estivessem adormecidos em um canto.

Inspirou.

E expirou.

Batimentos cardíacos sob controle. Respiração regular. Pressão doze por oito.

Escorregou suas costas na porta, até sentar-se no chão.

Logo atrás de sua cabeça, o som das garras mais afiadas. Ata-



COME ON  
DIE YOUNG

cando a porta. O gato mecânico, ensandecido, cavava a madeira e guinchava um ruído eletrônico agudo.

Davi pegou a chave do carro e correu pra fora de casa. Trançou a fechadura com duas voltas. O gato parecia decidido a não parar. Nunca.



# ONZE

Surgiu a suspeita de que o ataque de gato não passara de uma alucinação. Talvez o implante tivesse colocado a realidade num liquidificador. Davi, entretanto, não estava alarmado. Logo que saiu de casa, tranqüilizou-se. Agora dirigia outra vez calmo pela cidade. Alucinações podiam aparecer; ele estava preparado pra elas. Veria o irreal como o mais cotidiano dos eventos.

O destino foi decidido: o aeroporto. Com a sua nova frieza, nada o impediria de partir, abandonar a maldita cidade de Porto Alegre. Sair de lá era mais do que apenas fugir do local geográfico onde habitavam as mentes retrógradas. Porto Alegre representava o passado. O futuro tinha de estar em outro lugar; em qualquer outro lugar. Deixaria para trás o que restou de sua família, e esqueceria tudo que nunca se tornou sua família...

O plano era óbvio e ainda assim brilhante. Chegaria à máquina de passagens, onde passaria o cartão de crédito e escolheria o vôo pro lugar mais distante possível. A única regra é que o avião precisava decolar em no máximo uma hora. Passando de tal limite, Davi corria o risco de mudar de idéia.



Lembrou-se do erro cometido da outra vez e tomou a rua paralela à avenida onde abandonavam os cães. Chovera um pouco enquanto Davi estava em seu apartamento: o asfalto não só refletia as luzes, como espelhava o mundo. Os semáforos e os postes despejavam cor e luz, que escorria como o mais puro líquido no piso negro.

O carro deu um pequeno salto. A cabeça de Davi bateu no teto.

Havia passado por cima de algo. A dúvida é se deveria sair do carro pra averiguar o que era. Se avançasse um pouco com o veículo poderia olhar através do retrovisor. Foi o que fez. E viu... algo. Avermelhado.

Saiu do veículo e caminhou em direção à coisa. Davi tapou a boca com a mão, temendo vomitar seja lá o que ainda havia no seu estômago. O chá gelado com bñlis já alcançava a garganta.

Era um recém-nascido.

Ou um recém-morto.

Ou um feto abortado após nove meses.

Ou um bolo de carne ensangüentado.

Ou seu filho.

Sim.

Aquela massa gosmenta era a cara de Davi.



Voltou às pressas ao carro. A arrancada fez com que os pneus guinchassem. A rua, deserta, apresentava sinais do inferno à frente. Uma pequena barreira, Davi pensou. E aproximou-se, cada vez mais rápido.

Os fetos causavam sons engraçados quando ricocheteavam contra o pára-choque do carro. E assim Davi atravessou o mar de filhos mortos e abandonados. A sensação é que havia ocorrido um temporal onde um Deus irado fez chover todos aqueles que nasceram mortos, que então apodreciam sob o asfalto. Filhos do encontro das claras nuvens de sêmen com as escuras nuvens de óvulos. Os cordões umbilicais enrolavam-se nas rodas, segurando os pneus. Mas Davi só acelerava. Tudo seria deixado pra trás.

Um avião passou rasante no céu. As luzes hipnotizaram Davi. O portal pra fora de Porto Alegre... indo embora. Quando voltou a olhar para frente, o pára-brisa estava coberto de sangue. Foi neste momento que o carro chocou-se contra um poste.

A luz vermelha e azul da polícia. A vermelha e vermelha da ambulância.

— Fica deitado, cara — disse o enfermeiro.

Ele sorriu, para assegurar que tudo ficaria bem.

Davi nem pensava em mover-se. A rua parecia tão vazia.



## DOZE

O médico anunciou que um pedaço de metal quase havia perfurado o cérebro de Davi. A máquina faria um pequeno corte na cabeça e removeria o pedaço sem maiores dificuldades. Bastava assinar um papel.

— Já que vocês vão abrir minha cabeça pra arrancar o metal, tem uma outra coisinha que eu gostaria que vocês tirassem.— disse.

Davi olhou pro teto branco e impecável. Estava na enfermaria, mas podia muito bem estar no céu. A temperatura era perfeita. Todos vestiam branco e falavam em tom melódico e sereno. Davi fez sinal para que a enfermeira de loiro angelical se aproximasse. Perguntou que andar era aquele. Recebeu um “décimo primeiro” de resposta.

Davi suspirou. Perguntou o horário. “Cinco e meia. Já vai amanhecer.”

Dois andares abaixo estava sua esposa, repousando. Provavelmente não tinha despertado desde a operação.

Ainda não sabia que seu filho nascera morto.



**FIM**



COME ON  
DIE YOUNG

## **SOBRE A BANDA**

Fundada em 1995, em Glasgow, Escócia, o Mogwai é uma das bandas seminais do chamado post rock, caracterizado pelo uso da música instrumental sob melodias complexas. Stuart Braithwaite, Martin Bulloch, John Cummings e Barry Burns lançaram, em 1999, "Come on die young", álbum referência para o trabalho do Mogwai. Repleto de sonoridades mesmerizantes, o disco é, talvez, o mais importante do gênero, o que angariou para o grupo uma legião de fãs.



# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **COME ON DIE YOUNG - MOGWAI**

Design por Adam Piggot

Fotografia por Hugh Aitchison, Paul Savage,

Alan Dimmick e Mogwai

Lançado em 6 de abril de 1999

Selo: Matador Records

Produzido por Dave Fridmann

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.mogwai.co.uk](http://www.mogwai.co.uk)**

## **SOBRE O AUTOR**

Antônio Xerxenesky nasceu no fim de 1984 em Porto Alegre. É um ex-estudante de Física que atualmente cursa Letras na UFRGS. Seu livro de contos intitulado “Entre” venceu o concurso Fumproarte em 2005, sendo publicado no ano seguinte pela editora Movimento..

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

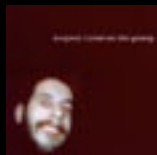
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 30 COME ON DIE YOUNG

MOGWAI

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. PUNK ROCK:
2. CODY
3. HELPS BOTH WAYS
4. YEAR 2000 NON-COMPLIANT CARDIA
5. KAPPA
6. WALTZ FOR AIDAN
7. MAY NOTHING BUT HAPPINESS COME THROUGH YOUR DOOR
8. OH! HOW THE DOGS STACK UP
9. EX-COWBOY
10. CHOCKY
11. CHRISTMAS STEPS
12. PUNK ROCK/PUFF DADDY/ANTICHRIST

